

Mudança climática intensifica em até 11% chuvas no Mediterrâneo

Em janeiro deste ano, chuvas mataram mais de 50 em Portugal, Espanha e Marrocos

Joel Rodrigues/Agência Brasília

Chuvas torrenciais mataram mais de 50 pessoas em Portugal, Espanha e Marrocos desde 16 de janeiro. Uma quantidade excepcional de água e ventos com força de furacão provocaram a evacuação de centenas de milhares e prejuízos contados em bilhões de euros. Estudo de atribuição mostra que a mudança climática intensificou em ao menos 11% o volume dos temporais.

A responsabilidade do aquecimento global, provocado pela atividade humana, pode ser ainda mais alta. Dados observacionais mostram que a intensidade de chuva diária no Mediterrâneo Ocidental foi 36% mais intensa na região sul, que compreende o sul da Península Ibérica e o norte do Marrocos.

O evento foi tão inusual, que estatisticamente sua ocorrência seria esperada uma vez a cada 40 anos. Em Grazelema, no sul da Espanha, choveu mais do que o esperado em um ano em apenas alguns dias. Em partes de Marrocos e Portugal, os eventos registrados não se repetiriam em um século.

No norte da região estudada, com padrão climático diverso, a intensidade foi 29% maior. Os modelos climáticos usados para contrastar o comportamento atual com o do clima pré-industrial somados aos dados observacionais apontam para uma intensificação de ao menos 11% nessa área, mas são inconclusos sobre a outra.

“Isso não significa que as mudanças climáticas não tenham contribuído para as chuvas extremas na região sul também”, diz Clair Barnes, do Centro de Política Ambiental do Imperial College. “Apenas que é difícil separar as tendências ao longo do tempo.”



Aumento das tragédias ocasionadas pelas chuvas está relacionada ao aquecimento global

Conduzido por pesquisadores de 11 países, o estudo de atribuição foi conduzido pelo World Weather Attribution, consórcio de cientistas liderado pela instituição inglesa que busca identificar o papel da mudança climática em eventos extremos.

“Análise feita por nossos colegas do Climate Central, incluída neste relatório, mostra que o rio atmosférico que provocou esses eventos extremos foi intensificado ao passar por uma onda de calor marítima muito forte no Atlântico a caminho da Espanha”, explicou Barnes.

“Essas temperaturas mais quentes da superfície do mar significam que mais umidade foi captada e transportada para a Península Ibérica e o Marrocos, onde caiu em forma de chuva. Eles constataram

que essa onda de calor marítima está dez vezes mais provável de acontecer devido às mudanças climáticas.”

A cientista vê como alerta o tamanho das mudanças percebidas. “Sabemos que uma atmosfera mais quente transporta mais umidade e, portanto, quanto mais carbono emitirmos, mais perigoso será o cenário para tempestades de inverno [europeu] como essas.”

Na Espanha as inundações e os danos causados pelos ventos fortes obrigaram à evacuação de mais de 10.000 pessoas em 19 localidades. Madri destinou 7 bilhões de euros para as regiões afetadas, pouco mais de um ano depois das enchentes que mataram mais de 230 pessoas em Valência e traumatizaram o país.

Segundo estudo publicado na

revista Nature, o aquecimento global aumentou em 21% a intensidade das chuvas em outubro de 2024. Daquela vez, o salto na umidade foi gerado pelo aquecimento anormal da temperatura no mar Mediterrâneo. À época, estudo de atribuição rápida do WWA tinha chegado a uma contribuição de 12%.

Ou seja, com mais tempo de análise e dados, a responsabilidade da mudança climática, provocada sobretudo por emissões de combustíveis fósseis, fica ainda mais evidente.

Neste ano, Portugal contabilizou seis mortes durante uma das nove tempestades do período. Ventos de até 202 km/h resultaram em um apagão que atingiu cerca de um milhão de pessoas. O governo português anunciou 3,5 bilhões de

euros para recuperar infraestruturas atingidas. No Marrocos, as inundações causaram 43 mortes, desalojaram 300 mil pessoas e destruíram 110 mil casas. O pacote de ajuda governamental é bem mais modesto, refletindo a disparidade econômica em relação aos vizinhos europeus, com 280 milhões de euros.

Debate quase inexistente na tragédia que se desenrola neste momento em Juiz de Fora, no Brasil, o peso da crise climática na ocorrência de eventos extremos é cada vez mais detectado pela ciência. Não é apenas uma questão de combater o negacionismo. Esclarecer a influência da atividade humana na intensidade e frequência de eventos extremos ajuda a balizar o debate sobre prevenção e adaptação.

A discussão vai além dos sistemas de alertas. “Para reduzir futuras inundações, as informações sobre riscos de desastres, atualizadas regularmente, precisam combinar avaliações de vulnerabilidade, mapeamento de exposição e projeções climáticas futuras”, afirma o estudo do WWA.

“Decisões de planejamento precisam incorporar e aplicar a redução de riscos no planejamento do uso do solo, nos códigos de construção e nas decisões de investimento em infraestrutura.”

“Observamos um aumento de interesse dos formuladores de políticas públicas, especialmente no Reino Unido”, disse Barnes, na apresentação do estudo. “É um processo lento, mas está se tornando parte do debate. E, quanto mais isso estiver nessa esfera pública, mais ciência estará envolvida nesse tipo de decisão.”

Por José Henrique Mariante (Folhapress)

Técnico do Lyon critica Trump, Infantino e Copa do Mundo nos EUA

Técnico do Lyon, o português Paulo Fonseca criticou Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, Gianni Infantino, mandatário da Fifa e lamentou que a Copa do Mundo deste ano aconteça no EUA.

Fonseca reprovou as recentes falas de Infantino sobre o fim do banimento à Rússia em competições esportivas, que acontece desde 2022, em resposta a invasão russa à Ucrânia. O treinador é ca-

sado com uma ucraniana e morou no país quando comandou o Shakhtar Donetsk (2016 a 2019).

“Vamos jogar contra a Rússia em Moscou enquanto os ucranianos não podem jogar no seu território? O país que é invadido não pode disputar as competições europeias em casa e a Rússia poderia? Para mim, é inaceitável. O presidente Infantino faz o mesmo que o presidente Trump. Olha para os interesses econômicos e se



Paulo Fonseca reprovou ações “diplomáticas” da Fifa

esquece das pessoas”, disse o Lyon ao jornal francês L’Equipe.

O treinador criticou Donald Trump por “ignorar os mais desfavorecidos”. Além disso, Fonseca acredita que a situação na Ucrânia piorou desde que o Trump

assumiu a presidência dos EUA.

“Desde que Trump voltou ao poder e prometeu uma paz rápida, a situação [na Ucrânia] piorou muito. Todos os dias, centenas de drones, dezenas de mísseis, caem. Os Estados Unidos enfra-

queceram a posição da Ucrânia e da União Europeia. E isso tornou a vida ainda mais difícil para os ucranianos.

A posição do presidente americano tem sido a de esquecer, de ignorar os mais desfavorecidos, os mais fracos, e de priorizar seus interesses econômicos. Trump não pensou nas pessoas. Ele pensou no dinheiro. Não sei se o futebol é a melhor forma de protestar contra isso, mas há coisas que são inaceitáveis para mim”, falou.

O português, inclusive, lamentou que a Copa do Mundo deste ano tenha os Estados Unidos como uma das sedes. Canadá e México também receberão jogos do Mundial.

A verdade é que nós, que amamos o futebol, gostaríamos que o Mundial se realizasse noutro lugar, e não nos Estados Unidos, não neste momento.

Olympique Lyonnais